

ENCRIPTOGHO E REDACÇÃO
N. 11
TRAVELHO do Ouvidor
2º andar
NUMERO AVULSO
100 réis

O Rio-Nú

PERIODICO BI-SEMANAL
CAUSTICO
HUMORISTICO
As quartas e sabbados
NUMERO ATRAZADO
200 réis

COLLABORADORES

Sachristão, Bock, La Pélit, Reporter, Coelmo Neto, Gonçaves, Martin I., Dealino, Lucas, Theodoro, Chica Bola, Edis m, Ricianeur, Job, Olina, Pylarolo, Diana Fina, Bland, Gregorio Junior, Therza, a Costa, Bock-Eier, Clapp e Frei Ceão.

REDACÇÃO
de
GIL MORENO E VAZ SIMÃO

Assignaturas para a Capital e Estados

Annua.....	12\$000
Six meses.....	4\$000
Extrangiero, anno.....	26\$000

RIO Á NOITE

Ainda mal reconciliada a exploração dos quarenta annos da revolução, a qumã que habita quella noite a um dehaudada e o Z. Peiva corre pela rua do Espírito Santo, apressado, á casa do logar nos fundos. Nos pontos cheios de pessoas habita e movimento de actividade forma scena nova e interessante.

Não é raro ver-se que no que mais corre, muitas vezes cacha um gindo de pingentes agarrados ao habstro. E ali, nessa passagem, quanta coisa se vê no tem visível!

Uma menina, rapariga abetã, seus dozeito annos era, flotando passava no lado do primeiro no ultimo do ultimo no primeiro; quando que encontre a seu deca de ratura e distinguir-se de todas e entregar se a compãnia de sua pãtria de seu indispensável Vionos.

Este seu estado que tem a cura de lhe ficar no lado, senão lhear, não obstante ficar sentada um estoroso e amigo por aquelles princípios de madrugada, recendo pelo facto do se g de joia e tornando atulhado de uma caração perfeita. — Este seu estado ouve taes custodias, taes combinações que se não fosse o deca do officio, agredido pela promessa do que vai ser a colloquio, teclando quando a boad e sua era, busca de uma pedada para arretar e a tal calozinho que lhe vai inundando fãlo e organisando. Finge formar, entretanto, para não obter ouvir aquelle fãllylo, acompanhando sempre, respirando o perfume de quella corpa de mulher moça e inquietando, como esse fim e pãspiração factiva em jocho tremulo, aquellas carnes factas, cheirosas e talvez vergadas de largueza tremulando. E cá com os meos boadãs lá vem rumbando: — ah! Hupit! — Hupit! — amada! — aoz noite lá estarei sempre?

Não sei se qm tenta de mim se o amoroso e precocemente casol não ganha de momento.

— Gostaste? — disse elle.

— Bem bonita a revista.

— E a Pepa?

E ella logo se dirigindo para para mim, como despoitada e fingido uma parte de rãmas:

— Logo vi que o senhor não passava sem falar na Pepa!... E' uma coisa as outras...

— Como as outras, não senhora?

A Pepa lá, Bem se vê que não os cheros a Pepa? A Pepa como as outras?... E' muito boa!

— Mas que tem ella demais? diz a meninã com cara de quem está disposta a brigar.

— E' que tem ella demais?

— Bãfão não existe, Marquinhã! Ou tã õnõ obãtã pã a seera. Olla, aquella que facia...

— Basta, senhor? interrompe a meninã. Isso não me interessa. Mãfãos de assumpto. Quem era o conico que facia de um moço fofo, com uma coisa aqui e um molde, ão cõgrãpãdõs?

— Ah! E' o Frãgã.

— Bem bonito, não? —

— Achou? repara, vem ali cõchãtãndo, na ponta d'aquelle bũco. Não é tão bonito assim.

— O que é que elle representa?

— Paz de Rio No.

— De Rio No?

— Sim, um jornal de rapazes malheos que ha por ali.

— Mis como arranjou elle um typo tão bũtãndõ? Parece ate uma moça. Que typo é aquelle?

— Aquelle é, aquelle... É... é uma especie da melhor creação de

... e não pude, quando de volta a casa, escrever a minha carta a Vionos. Não tive tempo, e a carta ficou esquecida em um canto da gaveta. Quando a noite chegou, a luz das velas estava acesa, e eu estava ali, esperando a chegada de Vionos. Mas ele não veio. Fiquei ali, até as primeiras horas da manhã, quando a luz do dia entrou no quarto. Fiquei ali, até as primeiras horas da manhã, quando a luz do dia entrou no quarto.

... e não pude, quando de volta a casa, escrever a minha carta a Vionos. Não tive tempo, e a carta ficou esquecida em um canto da gaveta. Quando a noite chegou, a luz das velas estava acesa, e eu estava ali, esperando a chegada de Vionos. Mas ele não veio. Fiquei ali, até as primeiras horas da manhã, quando a luz do dia entrou no quarto. Fiquei ali, até as primeiras horas da manhã, quando a luz do dia entrou no quarto.

SCENAS DE ALCOVA

VOZES — Quando se não temo nada a fazer no tempo da noite, eu vou sempre a dormir. Não vou a dormir, não vou a dormir. Não vou a dormir, não vou a dormir.

LÁZARA — Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá.

VOZES — Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá.

LÁZARA — Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá.

VOZES — Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá.

LÁZARA — Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá.

VOZES — Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá.

LÁZARA — Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá.

VOZES — Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá.

LÁZARA — Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá.

VOZES — Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá.

LÁZARA — Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá.

LÁZARA — Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá.

VOZES — Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá.

LÁZARA — Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá.

VOZES — Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá.

LÁZARA — Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá.

VOZES — Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá.

LÁZARA — Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá.

POSTA RESTANTE

Senhora Minha.

Aqui continuo devidamente ignorado e supellido, com esse formidável presso de me não tornarem ineliv e fureto, mais uma vez beijar-lhe a bruxa não e implorar, antes do grande pedido que lhe venha fazer a graça do seu sorriso e o signal benevolente da sua generosa aqumescencia.

Já uma vez, desta mesma collama, o pobre signatario destas linhas fez chegar aos dedicados olhos de V. Ex. um pedido razoavel e justo. A esse tempo representava-se o Rio N.º, gloriosa revista de Dr. Moreira Sampaio, o d e V. Ex. entava uma versos bem heudios e acasmas onla tinham de extravagantes. Ah! porém V. Ex. fazia o martyrio da humanidade, talizando-a, mostrando-lhe coas administraveis e prodigiosas qua ella, a poltrezinha da humanidade, toda banhada e humida, via com os olhos e contentava-se em lambet com a testa.

Esse tantalismo ia-a diziundo nos poucos. Os tactos estragaram se todos; as tabuas subiram de prego; os musecos se multipli eram; muita gente definhou n uerres!

Diante de tamanha calamidade nacional, eu não hesitei em pegar da minha pena rebelde e lhe nãndar, com aquella cortezia de que V. Ex. é merecedora, a seguinte epistola desdenhada e longa, onde peoia o succo do meu espirito, a conservãção da minha sande e o socorro e a conservãção do espirito e da sande dos meus concidadãos.

V. Ex. lion me, decerto. V. Ex. den-se ao trabalho de me ler, porque mezes depois, quando V. Ex. reaparecer a illumiar as platães soturnas, trazia ão dois misera, velis metros de seda, como eu lh'õ havia pedido, mas uma ampla vestimenta de rica seda lavrada, occulãndo, nos olhos avidos dessa humilhãnde epistola e decadente, a parte inferior do seu tronco, essa duas pernas deliciosas e fartas que lhe amplyam a perturbar vigillyas e sonhos.

V. Ex. foi generosa. V. Ex. foi boa! E' cõfiãdo nessa generosiãde, ãnde, e com olhos fitos no espirito bondoso que habita em geral um corpe formoso como esse com que V. Ex. nos deslumbra a todos, qum, esçoerguendo-me da minha humilãnde, ousou atirar nã aliã, nã esse ambiente doirado e rico que V. Ex. ainda mais doirã e ainda mais enriquece com a graça de sua pre-

MUTAÇÃO

U m pãno de nucaã atrãceca a seera. As idõas do pocto ão tranzãquãdas no vãlho do. As nãvas desaypãceca e se se ouca vez o pocto no mesmo logãr, completamente esfoçpãcido e enãpido de pãonar em culãras tristes.

POETA (pãthãndõ o vãlho)

Elle que den talvez no duco eigo e se sempre esçoelligãdo O seculãnde de um bello rapãço, Que me vlogã? E'ã fãrã, cãntãdo: Herce, quem nãde? se des nãns fãlo. Orãndõ nã vãtãndõ se seu consãdãdo: Pãncip eio nãns nãis!

CAHIE PãSSO

CALISTO KEAN GOMBEAUX.

FADO DO SULTÃO

Para se contãdo com a mãndã do fãdo do lãrãrio

VOZES — Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá.

LÁZARA — Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá.

VOZES — Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá. Não sei o que me dá a vontade de ir para lá.

Quando no meu Maranhão Me lembrava noite e dia Das quadrilhas que fazia Pra malda do patrão!

LEVIANAS.

Como a sorte ás vezes tomba! Eu que pecequi um bodejo, De o dizer não tenho prezo: Já muito toquei a bomba!

V. R.

Hoje sou poeta d'arromba E as letras sou divino, Mas no tempo do menino Já muito toquei a bomba!

ALMANAJARHA.

Comigo, não ha farromba, O meu passado é correto: Por causa de um corpo esbelto Já muito toquei a bomba!

A JOTA,

PADRE AMARO.

Ingenho como uma pomba No meu tempo de criança Tenho bem viva a lembrança Já muito toquei a bomba!

FERRIO, DURO e C.

A collocar uma tomba Um sapateiro, ou Justino Dizia: «Eu, quando menino, Já muito toquei a bomba!

DEIRO JUNIOR.

Se tudo aqui vai de arromba! Que pergunta, seu Machado, Quando fui em empregado, Já muito toquei a bomba!

FREI K. OLHO.

E' uma idéa d'arromba! É Um homem pratico-sou! Uma prova já lhes dou: Já muito toquei a bomba!

Um dia no ver uma pomba Toda cheia de massada, As taboas foram cantadas! Já muito toquei a bomba!

Comigo, não ha farromba, O meu passado é correto: Por causa de um corpo esbelto Já muito toquei a bomba!

O PROFESSOR D'ASTRONOMIA.

D. Fina de mim zomba Só me dando bacalhão, E como não sou de pan. Já muito toquei a bomba!

D. PEREIRO.

Vou no malto caçar pomba, Por dois vinténs tenho um lapa, Disse cheio de caçoço, Já muito toquei a bomba!

FREI SINETE.

Para a proxima numero offerremos o seguinte motto:

Diz o Juca aspirando: Ai, menino, que delicia!

Só recebemos até sexta-feira as soluções e neste mate. As que nos chegarem depois, serão inutilisadas.

com depois, serão inutilisadas.

As glosas devem vir em tiras, escriptas de um só lado.

NOSSA ADIVINHA

«Honey salt qui mal y penas»

I

Estodel a mulher nesta mulher. -1-2-

II

Amarga o instrumento neste pe... -1-1-

III

A prima no aperfado, não en... -1-1-

IV

O numero do corpo offerece a que não tem vergonha. -1-2-1-

V

Não negue o redondo bella mu... -1-1-2-

VI

VER'S Y CONCLUIR

Pux a maluca de fóra, E a delicia que me amorra Disse logo com pachorra: «Vá-se embora, vá-se embora, «Lêva, que bonita.....»

VII

ENIGMA

Lector, um bello bocado Hoje passa a descrever - Branco, moreno ou curado De tuas cores pode ser.

Petisco é tal, quem não bulha Não comemos sem ter meados E o seu tamanho regula Por um tres a quatro dedos.

Oh mais gozto, ou mais chulado Sempre dão delicia extraña E bem que os vizes fechudo Frequentemente arregaña.

E' coisa que se comprava Por no bem raticava, Que muita gente o não prova Sem ter de abril o primiro

Com mulo avermelhado E' bon nectar - salvo seja Nectar, sem, é' feroado Que muita gente furaça

Dn. BOJUDO.

VIII

CHARADA A VAPOR

(Ao Vaporista)

E' esta, caro amarrada, A paciencia consume! Qualquer lado solistrada Te dará um sobre-noue.

GUIRE.

XI

As direitas, é agora No bichinho vas pegar } 2 } A's avessas nãda negra } 2 } Só no dole vas gear. K. C. POUZÉ.

X

CHARADAS ANTIGAS

Al meu Deus! que coisa grande!-3, Grita a mulher do Nestor-2, Não quero coisa tamanha Quero só minosa flor.

XI

LOGÓGRIFHO EM ACROSTICO

Nos olhos desta menina, -3-4-5-1. Eu prendi o meu olhar, Sendo ella uma boimã, -6-8-2-1. Tive eu que boiñar... O : conceito uma mulher. Resta agora o decifrar.

XII

PERGUNTAS E RESPOSTAS

O que é? O que é? Qual é a mulher que é vaso!

R. LA. DO.

Só recebemos as decifrações deste numero até sexta-feira. Serão inutilisadas as que nos chegarem depois.

As decifrações e a lista dos decifrades serão sempre publicadas com intervalo de um numero, recebendo-se o resultado até o dia da publicação do numero antecedente.

As primeiras decifrações daremos, como premio, um volume, a escolha, da Collecção moderna, bibliotheca editada pelo Livraria Domingos de Magalhães.

Accettamos collaboração, que nã deve ser enviada em tiras escriptas só de um lado.

Os premios, n'este torneio, são contados, um, por questão decifrada, ou por trabalho publicado.

Servem para pontos para a distribuição dos premios, que firemos nos cinco primeiros colaboradores e decifrades, no fim do mez corrente.

Decifrações e decifrades do n. 71.

Propozemos 12 questões, cujas decifrações eram:

Arroz, Casarão, Barcarra, Adomado, Louçara, Curata, Valente, Alta Sola, Seges, Alta Alta, Zangado, Alcanã, o bagello, uma lãnda, Lere.

Deciframos:

Mamabira 12, Deiro Junior 9, D. Poptio 8, Lincoln 11, Valets de Ganso 12, K. U. Puzé 12, Dr. Brocho 5, Levianas 9, Frei Paula 10, Frei K. Olha 9, Ubirajara 8, Alfan 5, Thebas 5, Frei Barro C. 12, Frei Sieste 12, Dr. Faudado, ex Frei K. Paulo 3, Hollia Mour 6, My-stotis 10, Frei Cutó 10, Phidias 9, Perai B, Parasita 11, Dr. Curinga 12.

QUEBRA-CABEÇAS



361-364



Embora a vida pareça Muito boa, ou muito má, O jãstro que eu não me esqueça Que alguns me chamam de old.

FOLHETIM

A YINGANÇA

UM SAPATEIRO

Romance realista POR HOCK PRIMEIRA PARTE

A OCONCENCIA II

(Continuação)

Mais tarde, apozem a inpartaria, entregaramos na melva a esse decifrado encasuto que se encerra, desgrã o impuz travex, no segredo de uma primeira melva do indado.

Rozinha, não! Rozinha, não! Rozinha, não! Rozinha, não! Rozinha, não! Rozinha, não! Rozinha, não! Rozinha, não! Rozinha, não! Rozinha, não! Rozinha, não! Rozinha, não! Rozinha, não! Rozinha, não! Rozinha, não! Rozinha, não!

Quando elle o não era, não! Saria quando muito uma... João da Couto descobria a sua posição. Não era um homem poderoso, não, de de o solido não, não se sabia!

Amar, aquilo? Não só se fosse mais porgo ou coisa alguma, porque com uma tal recomendação homem nenhum tinha o direito de se apresentar candidato a candidatura de nitrogeno.

que enlaid, a ler algum romance moral ou a pensar na sua pouca sorte. Depois do jantar, João da Cunha voltava a tocar a viola, depois de a ter acompañado até a porta, deixava-o ficar á janella, qntido, crive, em exibe, a ver o sol morrer abogando n'um occaso lento, ou possando os seus dois olhos grandes e trizes pela vidraça um abundamã e deserta.

